

16-07-2021

## A FARDA CANARINHA

**Rodrigo Emídio Silva**

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.  
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

É gol. Golaço. O capitão meteu uma bomba.  
Ele é matador: um artilheiro frio para momentos decisivos. Comemora, levanta os braços para céu e agradece. Olha para a torcida adversária, faz das mãos armas e atira. “Uh, é matador! Uh, é terror!”, a torcida, emocionada, ovaciona. Os companheiros abraçam risos e vão às arquibancadas.  
Hoje é dia de festa, hoje é dia de título.  
O narrador, aos berros, fala da nova estrela bordada no uniforme. É hexa! É hexa!  
A nação está unida, as lágrimas descem no canto coletivo do hino nacional. Terá carreata?  
Claro, venha para as ruas ver o nosso troféu.  
Os jogadores arremessam a taça Lázaro Jules Rimet no carro de bombeiros e fazem um desfile pelas ruas empoeiradas. Em carros pretos, põem a cara feia na janela e dão tapas nas portas da Veraneio Vascaína. Cara feia? Sim, mas hoje é dia de festa. Veja: se você não desceu as ladeiras, não se preocupe, as imagens circulam nas redes sociais.  
Abra o Youtube e verá algum jornalista narrar a grande conquista nacional. Ele grita: “*mais um CPF cancelado*”. O dia acordou mais feliz, um tipo de aurora drummondiana.  
Essa boa gente estava tensa com o desfecho desse campeonato que durava 20 dias, mas Deus está do nosso lado. Deus anda com os vencedores.  
“*Deus é fiel*”, a tatuagem no pescoço anuncia.  
Venham ver o nosso prêmio. A menina perguntou ao pai se o troféu era feito de ouro, o pai sorriu, “*melhor, muito melhor: o troféu é de carne e banhado no sangue*”. A taça humana estará em exposição na sala de troféus - o necrotério.  
Os nomes dos jogadores, que entraram em campo na decisão, estarão na eternidade: assinaram com pólvora e chumbo na taça. Pegaram o gatuno, esquartejaram-no, cada um levou um pedacinho do prêmio para casa. Comemore. Quando for domingo, ajoelhe-se, agradeça o pão de cada dia.

Essa é a verdadeira Santa Ceia cristã, o pão é amassado por muitos diabos. Uma massa crescida no marchar dos coturnos, sovada na mão calejada de tanto bater. O menino roubou a bola.

Pega ladrão. Pega Ladrão. Parece que resistiu, parece que estava armado. Aqui, não!

Nossa seleção, de muitas estrelas nos uniformes, impõe respeito. Não importa se é argentino, senegalês, preto ou pobre. O futebol cotidiano não tem horário marcado, geralmente as equipes dividem-se entre os fardados e os descamisados.

Para os fardados, não há impedimento ou faltas, podem dar carrinho que não serão penalizados.

O juiz está do nosso lado. Adoram jogar quando as luzes do estádio se apagam, a escuridão possibilita que o seu jogo seja mais eficiente. Com a taça na mão, eles serão recebidos por governadores e pelo presidente, aquele que foi escalado para jogar, mas era indisciplinado e foi colocado na reserva.

Aplaudidos por jornalistas canarinhos, darão entrevistas, alguns ficam acanhados com as palavras, preferem o exercício esportivo - matar.

Não são de diálogo, os bons jogadores transpiram seriedade e respondem às perguntas com “*Afirmativo! Negativo!*”. Como são disciplinados.

Os heróis nacionais, assim são chamados pela torcida verde-amarela. Leonardos Patacas, Ronaldos fenômenos e Capitães Nascimento são as estrelas mitológicas desse céu de sucesso e justiça.

Alguns torcedores fervorosos querem que a nossa seleção assuma a política: eles jogam pela pátria.

A publicidade no prédio vende Coca-Cola e bateria Heliar, os *outdoors* nos ônibus vendem segurança pública “*Aqui em Goiás, bandido muda de profissão ou muda de estado*”. As pessoas maldosas dizem que os desportistas abusam do prestígio, a Nike até caiu numa fofoca e rompeu o contrato com o menino prodígio. Não foi abuso sexual, era uma festa; não foi agressão, era um baculejo.

De chuteiras ou de coturnos, como são machões, compram a imagem de pura masculinidade: “*veja a minha pistola ereta, ela não brocha*”.

O Brasil, na ditadura, foi uma pátria de chuteiras; na democracia, uma nação de coturnos.

\*\*\*

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.